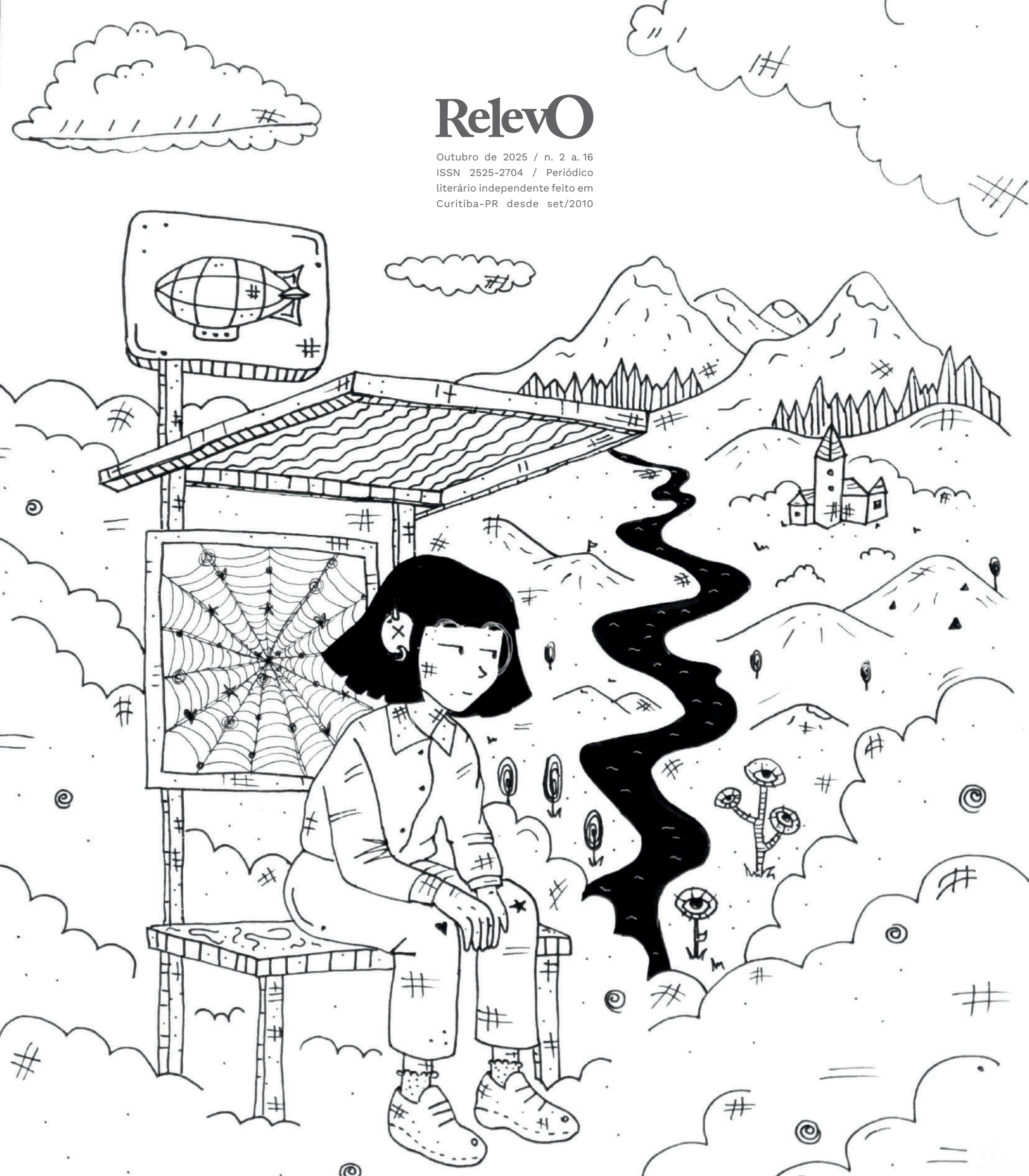


RelevO

Outubro de 2025 / n. 2 a.16
ISSN 2525-2704 / Periódico
literário independente feito em
Curitiba-PR desde set/2010





DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA



ASSINATURAS R\$ 8.181

R\$ 5 Thassiana Herbst; R\$ 20 Janaine Camargo Ribas; R\$ 30 Amanda Coelho de Araújo Martins; Samya Bianka Oliveira Santos; R\$ 36 Marco Hideo Aminadabe Prates; R\$ 40 Priscila Iglesias Rosa; R\$ 50 Maria Carolina Maumgratz; R\$ 50 Einar Damasceno Barroso; Ana Carolina Kruger; R\$ 70 Amanda Ribeiro Barbosa; Henrique Santos R\$ 80 Ewerton Martins Ribeiro; Bolívar Escobar; Jenifer Bazzi; Ângela Marta Emídio; Aline Landfeldt; Guilherme Lopes Freitas; Darson Porto Castro; Larissa Maestrelli; André Nunes; Carol Rodrigues; Caio Beltrão; Jonas Faccin; Amanda Vital; José Henrique Sasek; Cesar Carvalho; Rafael Souza Rodrigues; João Pedro Braune; Breno Amaral; José Carlos da Silva; Roberto Ferreira Costa Junior; Helena Laura Rissoni Bou Ghosson; Aline Yoshie; Lucio Carvalho; Andréia Fernandes; Mayara Yamanoe; Ayrtton Luiz Baptista Junior; Afonso de Castro Gonçalves; Filipe Natal De Gaspari; Diego Antonelli; Fernando Severo; Fabio Henrique de Carvalho; Douglas Reis Silva; Lorena Klenk; Henrique Fendrich; Ivan Justen Santana; Thamires Pratt; Vinicius Maurer; Gilberto Bazarelo; Diego Lubitz Lautert; Thiago Suchodolak; Sabrina Dalbelo; Isloany Machado; Ewerton Martins Ribeiro; Daniele Agapito; Taize Odelli; Laís Fernandes; Damião Seridó; Rafael Souza Santos; Francisco Mecking; Noah Mancini; Amanda Bittencourt; Tânia Rego; Carlos Roberto Severo; Denise Manfredini; Rafa Quintiniano; Horacio Santos; Giulia Skiere; R\$ 100 Damaris Pedro; Otavio Linhares; Rodrigo Madeira; Sergio Luiz Souza Costa; Maris Stelmachuk; R\$ 120 Kelly Hatanaka; Inês Aguiar Dos Santos Neves; Matheus Lianda; Klaus Pettinger; Lorena Cunha; João Pedro Braune; Paulo Sérgio Ramos da Costa; Antônio José Chaves; Anderson Freixo; Vitor Zanirato; R\$ 160 Kharoline Jessica Pereira Lima Dallagnol; Paula Pi; Raul Andreucci; Emerson Penha; Leandro de Melo Félix; Guilherme Alpendre; R\$ 200 Julia Lerro Rocca; R\$ 220 René Licht; R\$ 240 Katia Brembatti.

ANUNCIANTES R\$ 1.210

R\$ 450 Maniacs; R\$ 300 Mylena Lima de Queiroz; R\$ 140 Luiz Gustavo Vicente de Sá; R\$ 140 Museu do Livro Esquecido; André Giusti; R\$ 70 Dito & Escritos; R\$ 50 Rede Macuco.

CONSULTORIAS R\$ 0

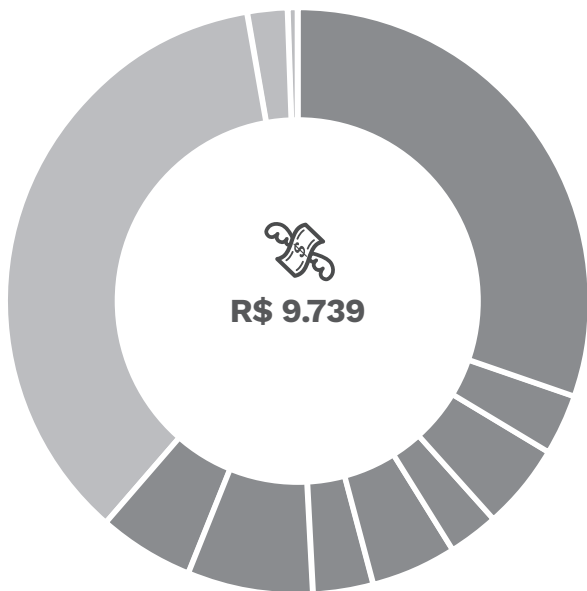
DESPESAS DO MÊS

CUSTOS ADMINISTRATIVOS E VARIÁVEIS

Correios R\$ 3.334
Transporte R\$ 200
Domínio mensal R\$ 45

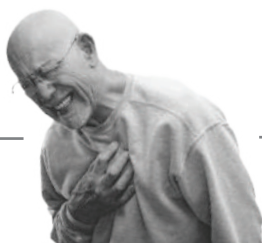
CUSTOS FIXOS

Gráfica R\$ 2.830
Escritório R\$ 300
Editor-assistente R\$ 450
Serviços editoriais R\$ 250
Serviços gráficos R\$ 450
Serviços logísticos R\$ 250
Mídias sociais R\$ 650
Colaboradores de setembro R\$ 480
Editor-executivo R\$ 0



ESTÁ CHEGANDO A HORA DA “VOLTA POR CIMA”

- Entradas totais: R\$ 9.381
- Saídas totais: R\$ 9.739
- Resultado operacional: R\$ -358



EXPEDIENTE

Outubro 2025



Editor Daniel Zanella
Editor-assistente Mateus Ribeirete
Ombudsman Rafael Maieiro
Revisão Às Vezes
Projeto gráfico Bolívar Escobar
Advogado Rafael Estorilio
Impressão Gráfica Exceuni
Tiragem 4.500

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau



Edição finalizada em 28 de setembro de 2025.

DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de Thalita Neres. Você pode conferir mais do trabalho dela em thalitaneres.com.br.

TIPOGRAFIA

A fonte usada para os títulos desta edição é a Anton, desenhada pelo tipógrafo britânico Vernon Adams.

ASSINE / ANUNCIE

O RelevO não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.



PUBLIQUE

O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.



CARTAS

BEIJO NO CORAÇÃO DO OMBUDSMAN

Vanessa Fagundes • Eu li o que você escreveu na edição presente! Se não pegou a referência, não gosta de cinema. Pois olha eu aqui de novo... Dizem que a insistência vence a resistência, e o ombudsman está claramente preso ao formato do jornal (que, teoricamente, nem foi ele quem ditou). Passa a bucha ao editor — como devido — e, de quebra, fala para contratar uma estagiária também (ele sabe quem) kkk Aliás, meu nome está na edição comemorativa! Nem acredito! Cheguei agora e já estou na janela. É que eu gosto da vista. Fusão entre ombudsman e editorial foi pesado. Só sugeri a mesma página, mas concordo em repensar, se o omb (já me considero íntima) fizer a cabeça do editor por mais texto. Quem sabe a tal coluna fixa com os temas por mim pontuados? hehehe Ah, queria que indicassem contato/ email de quem escreve os contos publicados. Queria falar para a autora de “No Caixa” que li, ansiosa, me perguntando se ela falaria sobre a camisinha! Eu sempre achei que o produto não passasse ileso pelas mentes das funcionárias! Enfim, continuamos de olho!

Rene Licht • Olá, **RelevO**! A edição de setembro está preciosa tanto pelos textos como pelas ilustrações. Um primor! Parabéns a cada responsável! Assim que retirei o jornal do envelope marrom, fui conferir a página Pontos de Distribuição. E finalmente o grande ABC está representado por 2 de seus 7 municípios: Diadema e São Caetano do Sul (com minha pequena ajuda!). É pouco, mas bem melhor que antes, com zero ponto. O resultado operacional negativo é preocupante, mas acredito que a edição de outubro trará novo ânimo (também com minha pequena ajuda na campanha do Pix). Dois pontos contribuem para o resultado negativo: ser jornal impresso e ser jornal literário. Mas vamos ao que viemos... Aguardo divulgação do local do baile de debutante. Abraço carinhoso à equipe.

Diego Sousa • Oi, Jornal! Fiquei muito feliz ao abrir a edição de setembro e ver que a minha cidade, Parnamirim-RN, ganhou seu primeiro ponto de distribuição após a pandemia. Vejo que meu esforço não foi em vão. Vida longa ao **RelevO**. Espero

que nesse espaço literário novo conquiste novos leitores e por que não mais assinantes! Abraços.

Carolina Endo • Boa tarde, Jornal! Tudo bem? Só pra avisar que chegou hoje o malote! As edições estão lindas, obrigada.

Iury Cascaes • Olá, Jornal! Gostaria de enviar um pequeno conto para ver se interessa à publicação. Mas, independentemente da resposta ser positiva ou negativa, quero deixar aqui registrada a minha admiração pelo trampo de vocês na movimentação desse “underground literário” que até há pouco eu nem sabia que existia. Descobrir a existência dele e de vocês me deixa muito contente, principalmente pela qualidade e inventividade dos trabalhos! Parabéns! Vida longa ao jornal! Que venha ainda muita tinta.

Ronaldo Pithan • Oi, Jornal querido! Tudo bem? Dessa vez não irei renovar, infelizmente não estou tendo tempo de me divertir com vocês, então precisaremos de um *break up*! Sim, isso parece um término, né? Muito obrigado, quem sabe nos vemos no futuro!

Leandro Félix • Olá! Envio o endereço em que desejo receber as edições da minha assinatura. É um escritório de assistência judiciária gratuita e acredito que ter literatura na recepção pode melhorar nosso ambiente tanto para os profissionais quanto para os assistidos. Fora isso, gostei muito do periódico, não tinha ideia que existia, encontrei por um acaso em um café. Conversa muito com algumas ideias que tive durante a vida e nunca tive coragem de executar, então admiro e parabeno pelos 15 anos. Também nesse sentido, quero tentar publicar algo algum dia, então vou preparar para enviar, vi as regras no Instagram. E, ainda, se houver alguma forma de contribuir voluntariamente com a edição, gostaria de ajudar, seja na parte editorial, seja na parte burocrática. Pensei em talvez tentar trazer uma edição específica para nossa cidade, talvez publicar os autores daqui e tentar vender assinaturas específicas pra cá. Mesmo que não role, se algum dia puder dar ideias gerais sobre gráfica, diagramação, ISSN etc., eu gostaria de aprender um pouco. Ah, eu sou advogado e professor na faculdade de Direito, caso isso possa ajudar de alguma forma nas burocracias do jornal, apenas de ter visto que vocês já tem um advogado na equipe... Fico à disposição. Um abraço e vida longa ao novíssimo grupo MacBet/Relevo.

Alex Manso • Boa tarde. Tenho o jornal de vocês impresso em casa, achei muito

divertido, um jeito bem humorado de fazer Jornalismo. Parabéns pelos 15 anos, 15 meses, 15 dias e 15 minutos de um projeto que deu certo, um formato diferente nos dias atuais, é com carinho que respondo esse e-mail, e agradeço com uma singela homenagem. Desejo muito sucesso, que os 15 anos se multipliquem. Um abraço.

Rodrigo Madeira • Parabéns, pessoal. Pelos 15 anos desse seu jornal folhoso e farfalhante, cheio de passarinhos nas mangas. Sempre guardei minhas cópias (ainda que desfolhadas, despaginadas) nas gavetas dos apartamentos onde morei. Nunca tive coragem de jogá-las fora: só as usaria, quem sabe, pra forrar as varandinhas de Argos. Parabéns! Forte abraço, r.m. P.S.: Anexada, uma foto minha lendo o **RelevO**. Em Paraty. Fui pra lá sem ser convidado, quando a cidade estava às moscas. Consegui uma cópia na livraria do Centro Histórico.

Renata Stuani • Parabéns, o Jornal debutou! Agora pode ser apresentado à sociedade ha ha

Leonardo Migdaleski • Long Live Relief!

Sabrina Nunes • Caros jornaleiros, não consigo deixar o **RelevO**. É mais forte que eu, mesmo que eu não consiga ler tudo. Renovei minha assinatura, mas torno a escrever para vocês, em razão do não recebimento do exemplar de setembro. Começo a presumir que é muito provável que os ETs da mineração já dominaram o sistema de entregas de Ouro Preto. Espero que não! A edição de agosto está interessantíssima, li em uma manhã de terça-feira, tomando um café do Sul de Minas. Abraços.

Leandro Ghilardi • Buenas!? Queira contar! Conheci o **RelevO** em julho (19) às 10h53 depois de encher o bucho matinal no Manifesto Café (pão com mortadela, recomendo!). Ali do lado, na Itibam Comic Shop, foi a parada para digestão acontecer. Na entrada, à direita um destes expositores angulados que deixam exposto/expõem, sabe!? Um jornal com uma imagem em preto (capa da edição de julho) apenas preto em uma loja onde o colorido estava para todos os lados. Sentei para ler, abri e ali no quadro — P U B L I Q U E — a parte de aceitarem ameaças me pegou. Em agosto assinei, recebi o malote com três edições, inclusive, ainda bem que vocês mandaram o de julho pois havia dado o meu jornal (que trouxe da loja) para um homem no semáforo e sugerido ler o texto sobre o flâneur. Enfim, emocionado em ler meu nome na edição de setembro. Sigamos...Ah! Parabéns pelos 15 anos (aborrescência).

Francirene Gripp de Oliveira • Eita, entusiasmo é o que tem me feito movimentar e não desistir dessa tal literatura... que nem o editor deste jornal! Parabéns para todos nós, aos entusiastas do **RelevO** em especial.

Helena • Sobre isso de tecnologia (de transição), acho a maior graça nessa modinha de dizer que uma coisa é tecnológica. Tecido tecnológico, camiseta tecnológica... A pessoa está escrevendo, seja em papel, teclado de PC de mesa, computador portátil, celular ou até mesmo com graveto na areia! Está falando de roupa! O quê, nisso, não é tecnológico? A primeira tanga feita de pele de animal já era tecnológica! Uma ferramenta, uma técnica, foi usada para abater o animal e tirar dele a pele e arrumá-la de forma a cobrir suas partes pudendas. Ai, ai, viu!

Abel Sidney • Senso de humor afiado, nestes dias distópicos, é bálsamo. MacBet. Farei minha fezinha, pode acreditar. Textos sempre instigantes. Avante!

Teresa Silva • Parabéns pelo *début*, **RelevO**! Dançaram uma valsa à meia-noite?

Jefte Amorim • O **RelevO** tem de sobra o que falta na literatura: trabalho sério e(m) não se levar a sério.

HE por
CHO cami

Somos um ateliê de cerâmica artesanal em Curitiba, com produção própria de peças para venda à pronta entrega (na loja física e site) e também de peças personalizadas sob encomenda. Oferecemos aulas regulares e oficinas pontuais de cerâmica. O nosso espaço em si é super gostoso, vale a visita inclusive aos curiosos.

Estamos na Alameda Presidente Taunay, 681, Batel, em Curitiba

hechoporcami.com | @hechoporcami



DITOS & ESCRITOS
leilamariaflesch.com



EDITORIAL

Nada de grande se fez sem entusiasmo, mas muita besteira também começou assim

Há quem diga que um impresso é como um filho. E pode ser que seja. Um impresso nasce pequeno, exige cuidado constante e, aos poucos, aprende a andar sozinho pelas ruas, pelas mãos de quem o lê. Vai deixando os comportamentos infantis para trás, amadurecendo e ganhando o mundo. Não estamos mais no controle de cada passo. Mas, assim como na vida — agora que o Jornal atingiu 15 anos e o editor, 40—, criar também significa perder. E precisamos falar um pouco disso que vamos deixando pelo caminho.

Neste baile em direção à maioridade, o **RelevO** trouxe alegrias intensas e inesperadas, mas também arrancou noites de sono, roubou horas de silêncio e ocupou espaços que poderiam ter sido partilhados de outra forma. É possível que o Jornal tenha afastado quem trabalha nele do convívio de pessoas que mereciam mais presença. Não sabemos se a recíproca seria verdadeira. O calendário editorial é implacável: um relógio de pulso fincado na rotina, que marca o tempo em edições. Em nossa parede, vemos os contornos do número 198. Em dezembro, chegaremos na edição 200.

Cada número entregue é também uma espécie de luto. É o texto que não coube, a ideia de humor que não vingou, a pressa que deixou cicatrizes e imprimiu imperfeições claras. Imprimir é também registrar erros, fixar no papel as marcas da urgência. É aceitar que, junto daquilo que se sonhou, fica também o que não deu tempo, o que não se pôde, o que se perdeu. E as perdas não param aí. Quantas férias evaporaram diante de uma edição que precisava nascer? Quantos domingos se dissolveram em revisões intermináveis? Quantas conversas foram interrompidas pelo fechamento que não espera? Um jornal dá, mas também tira. Ele cobra um preço invisível: o descanso, a espontaneidade, a leveza dos dias que poderiam ser livres. Com o tempo, aprendemos a nomear esses pequenos traumas — não como queixas, mas como cicatrizes de uma continuidade que insiste em existir.

No campo das finanças, a história não é diferente: sustentar um impresso independente é viver na

corda bamba entre o sonho e a sobrevivência. O preço do papel, a oscilação dos apoios, a matemática que nunca fecha — tudo isso se grava no corpo, como tombos da infância que seguimos carregando. Mas negar o cansaço não elimina o outro lado: a vitalidade. Um impresso é, paradoxalmente, uma fonte de energia contínua. Cresce como os filhos crescem — entre dramas e conquistas, entre quedas e reerguimentos. Cada perda abre uma brecha para novos caminhos, cada falha ensina um modo novo de fazer. É no desgaste, muitas vezes, que surgem as melhores edições: aquelas em que fomos obrigados a inventar, a improvisar, a confiar na urgência como parte do método. A edição de outubro, especialmente com as partes íntimas apontadas pro céu, é um exemplo disso. Sempre achamos que, mais do que amor, paixão ou propósito, o que realmente move o mundo é entusiasmo — essa substância rara, feita da mistura de teimosia e luminosidade.

O **RelevO** completa 15 anos e segue lutando para não fechar no vermelho em sua vida ordinária. Em 2025, a balança tem oscilado mais pra lá do que pra cá: seis meses no vermelho, três no azul. Já não somos os mesmos do início, embora, sempre sem dinheiro, tenhamos a vantagem semelhante da feiúra: como nunca fomos bonitos, não sabemos o que é perder a beleza. A ingenuidade deu lugar à consciência de que o prejuízo, assim como o ganho, faz parte da nossa identidade. A dificuldade molda caráter, impede a acomodação, nos mantém atentos. E, no fim, permanece o privilégio: ver este filho seguir seu próprio rumo, deixando rastros de literatura, humor e rebeldia.

Entusiasmo não é ingenuidade. É, antes, a convicção calorosa de que cada página impressa é um jeito nosso de existir. É aceitar que não mudamos nada, mas podemos interferir em alguma parte, em algum instante. E isso já basta. Como canta BNegão, “a gente faz uma microparte para que uma microcoisa no mundo mude”.

Uma boa leitura a todos. 



APOIADORES



**MARLON REIS
& ESTORILIO**
ADVOCACIA



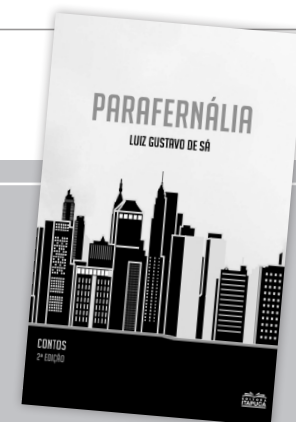
BANCA TATUI

bancatatu.com.br / Desenho por Ângela León

OMBUDSMAN, “MOSTRAR MAIS”? —

Rafael Maieiro

Vanessa, te responderei por e-mail. Motivo? Espaços de economia. Aliás, eventuais interlocutores: escrevam para o RelevO. Em novembro, mando outro xis impresso por aqui. No último mês do meu mandato, dezembro de 25, faço um balanço com mais de 280 caracteres. Ainda estou ouvindo?



Relançado pela editora Itapuca, o livro de contos **Parafernália**, de Luiz Gustavo de Sá, chega à sua segunda edição. A partir de encontros inesperados e solidões mal resolvidas, os contos de **Parafernália** nos colocam diante de personagens demasiadamente humanos, flagrados em momentos de perplexidade e inquietude, quando o cotidiano parece assumir, repentinamente, outra dimensão. A galeria de tipos apresentados é variada: o homem perseguido por um candidato político; a professora viciada em sapatos; o guia de uma atração turística desinteressante; o corredor de rua entediado; a vendedora dançante. Às vezes divertidas, outras vezes líricas, as histórias que compõem a obra, com frequência, nos convidam a refletir sobre como enxergamos o comportamento do outro, nem sempre coerente para nós à primeira vista.

Parafernália (2a Edição)

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 39,90

118 p., Itapuca, 2025

editoraitapuca.com.br/pd-9787e7-parafernalia-2a-edicao

Editora
LitteraLux
Porque livros iluminam
www.editoralitteralux.com.br

+ de **1.700** títulos
publicados desde 2012



 @EditoraLitteraLux
  /litteraluxeditora
  @editoralitteralux
  litteralux@editoralitteralux.com.br

Quer publicar com a gente?

Escreva para:
originais@editoralitteralux.com.br



**BONS
VENTOS
trazem
BOAS
LEITURAS**



EDITORAMOINHOS
.COM.BR

 @EDITORAMOINHOS

*você tem
um livro de poesia?*

*nós temos
seus leitores*

envie um email para
contato@faziapoesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal *Fazia Poesia*

Luan Hornich

mas as bocas estão muito próximas

Aí se passaram os dias E:

o que foi alice? comeu de vizinha. a ponteira do relógio já dizia a hora que você deve pastar a grama, alice. alice foi mesmo meteu-se vestida em catavento e os outros observaram como se se molhassem numa espécie

de vulcão salgado. o outro arrumou o contrabando. diziam a alice: hora ou outra come de 4. e ela levou a sério. comeu mauricinho, estudante que rodava feito anão o condomínio vizinho-porta-copos. mas alice era problemática uma vez chegou pra mim e disse: se vir te mato se não vir te como se ficar te roubo. e me fez as três coisas. isso não se faz. sorry darling for ur incongruence — era o patrão (meu) a ela. eu do lado, que recomendei o trabalho. nasci ofegante registrado ainda que fosse meio trágico. conotação: ele era aleijado. sinal vermelho no cu do mundo. *seu cu é uma gracinha!* o patrão disse a ela. ela empinou a bunda preta. eu do lado com o esfregão. esfregão que come feito cachaça. bêbado sempre. fiquei olhando com o olho esquerdo enquanto ela gemia feito arraiá de licor cinzento cantando no meiodia em maceió — morei lá durante 2 anos longos anos. *maceio* e sim era mesmo com todo o fato que me vinha à mesa. a mesa era oval? sim era. tão oval quanto o cu de alice que ficou melecado de varinha-branca. canetão tipo A tipo Y e eu anotava a cena pra fazer mais tarde com alice. meus seios eram arames de efeito retontivo. abcdário do desgosto. passou o tthempo e alice vinha chamando meu nome — naquele emprego — algo como: Ivone, please put your perfumes and belongings on the table. I'm moving with my boss to Rio de Janeiro, the wonderful city, with the scholarships in alleys and things in locks. tendi nada. ela riu. disse depois: Rio vou pro Rio banhar-me de coisa alguma e de flores flores. aaaaaah! rio com érre maiúsculo eu entendo bem — morei lá durante longos 2 anos parecia um alicate numa gaveta gaveta essa que me negava a imagem imagem. ou conta contra outra não creio em TU imagê! eu disse a ela. patrão apareceu e deu um tapa na bunda preta erguida de alice. alice foi-se e eu fiquei-me. fiquei até entardar mas não entardara. bandida tu és a bandida na minha vida. e a árvore do lado de fora da janela que eu estava (lê-se janela como concreto [lê-se concreto como beco furado]) me dizia também em inglês. sim sim, mas aí já é outra história.



Av. Nossa Senhora da Luz, 223, Bacacheri, Curitiba-PR



Não, você não entendeu nada, irmão. É que o livro é sobre a impermanência da vida e uma crítica à supremacia humana sobre os demais táxons animais nesse antropoceno nefasto; é uma ode à natureza selvagem usando a trama humana como plano de fundo, reduzindo suas angústias a dramas insignific...

@desritormavorda

É A
UM
SO
NÓ



A vida é fogo

Daniele Agapito

Acendo um incenso, *finest arabian oud*, um Semi Massala de altíssima qualidade. Não entendo nada de incensos e confesso que comprei pela nota da embalagem: clareza mental e confiança. Este grande pau fino ereto e místico, que deve medir cerca de 23 centímetros, ao menos este pau deve cumprir o que promete! Uma vareta normal dura em média entre 25 e 35 minutos. Agora observo sua ponta em brasa ejaculando a fumaça dançante que obedece ao gozo do vento. É a liberdade que a fumaça tem, se eu seguisse o curso do vento agora, daria de cara com a parede. Coisas de quem é feita de carne e osso. Não demora, a ponta do incenso vai envergando, ameaça cair e cai. Temos um novo prepúcio fumegante, vamos ver quanto tempo ele dura... um.

Ele pulsa
Pulsa
é erótico?

Já sei que vai cair, é o destino. Mal posso esperar para que ele caia. Vai, cai. cai. Termina logo. Ele está entortando, hora de dizer adeus! Não adianta resistir, é o destino de to

Caiu. dois.

23:02, estou cronometrando a terceira queda que está por vir. O incenso já não mede 23 cm, eu chuto uns 8 cm pra menos, sou péssima em matemática e centímetros cúbicos. As medidas sempre me enganam. O fogo vai se alastrando do topo até a base, como um raio que desce devagar. Chegou o momento, é a morte, são as cinzas. 23:07 ele cai morto. três. mas fica pendurado no mastro como orelha, como rabo de cavalo, como casulo, como o último beijo. 23:09, cai de vez.

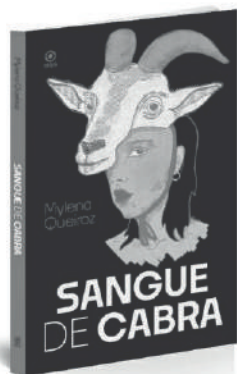
O pó finalmente encontra o chão. O fogo continua correndo. Novamente a bengala enverga. 23:12. Cai. quatro. O mastro está do tamanho de um cotonete. Mas sua cabeça ainda arde porque é da natureza do incenso recomeçar do ponto em que está. Vejo um pequeno sol, um vulcão. Estou confiante. Ele pulsa,

Pulsa

Quando fitei-o de novo, ele estava em plena glória. Shhhh! Não importa o tamanho da vareta, ela ainda queima. Vai logo, acaba. Ele aponta para o leste. 23:17. cinco. Foram 5 minutos de queima. O que significa? Está minúsculo, fosse um lápis estaria perdido dentro do apontador. Quanto tempo dura mesmo um incenso? No chão estão todas as cabeças caídas. A fumaça ainda dança, ainda existe vida, mas é a última. Aquele que achou que jamais morreria, até ele, jaz, cai às 23:23. seis. foram 6 minutos de queima. Não existe mais luz, apenas cinzas e algum vestígio do fogo que comeu o pau. Carl Jung estaria perplexo com a sincronicidade das horas e mesmo que eu não entenda nada de Carl Jung confesso que compro quase tudo que me falam a respeito dele. Primeiro, porque ele peitou Freud. Segundo, porque as tarólogas gostam dele. Terceiro porque eu gosto de oráculos, devaneios e sobranceiras franzidas. Do contrário só me resta olhar da janela os prédios que me cansam. O excesso de retângulos eretos da cidade grande que me cansam. A pressa. A Matemática. O telhado sujo do supermercado. Cocô de pombo. Mas enquanto ardia, o incenso deixou escapar:

— A vida é fogo!

Quantos anos eu ainda tenho?



Em nove cortes, *Sangue de Cabra* reúne narrativas de meninas e mulheres em meio aos horrores que insistem em acompanhá-las: O vídeo de uma menina assediada viraliza. Uma mulher recomeça a vida enquanto é perseguida por uma cabeça. Uma senhora sonha com o fim sanguinário de um latifundiário. Uma tragédia na cisterna une duas irmãs. Um local conservador readequa socialmente fêmeas. Amigas escrevem um texto sobre um ser com boca nas costas. Pesquisadoras decodificam mensagens em potiguara e em alemão num casarão em uma aldeia. Uma jovem ultrapassa limites ao defender sua colega de classe. Uma especialista em testes de fidelidade monta uma pegadinha com homens reincidentes.

Sangue de Cabra
contos de Mylena Queiroz

R\$ 60,00

editorapatua.com.br



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

BOMBA:

Você está lendo o Jornal RelevO



www.jornalrelevo.com

Rinha

Sra. Minerva

Estamos de quatro sobre a cama redonda. Ela me olha fixo, pálpebras semi cerradas, em posição simétrica à minha. Emula profissionalmente o desejo. Eu aguardo que dê o primeiro bote, mas sua estratégia é movimentar os quadris num rebolado ao qual não sou capaz de imitar. Perdemos ali a simetria. Minhas tetas penduradas pela flacidez de cadela parida; ela jovem, dura, peitos de borracha resistente às mordidas e apertões dos clientes. A marcação artificial do contorno das mamas foi um critério importante na escolha. Não queria nada que se parecesse comigo: pele gasta, excessivamente usada por bocas de crianças ávidas.

Não posso negar que o artificial me excita, não porque ache bonito, mas pelo esdrúxulo de um ideal. Uma mulher à parte das admoestações da vida comum. Um objeto

declarado, por vontade, talvez por necessidade, vendendo o sexo, o desejo fingido. Estendo a mão direita para alcançar um primeiro ponto, encaixo seu mamilo esquerdo no centro da palma e aperto. Tento parecer sensual em meu toque, mas estou com medo dela, a puta. Ouço um gemido seguido de um *Isso, meu bem, me pega*. Sinto o tremor nas pernas e a coluna começa a doer, não consigo manter a postura em quatro apoios, sento sobre os calcanhares. Ela vem mais perto e seus lábios lustrosos chegam perto do meu rosto. Há um perfume adocicado com sua proximidade e será que a bala de hortelã apagou as marcas do meu almoço temperado com alho, penso. Quero que goste de mim, que saia deste quarto pensando que não fui mais uma.

Isso, que gostosas, ouço o homem gemendo sentado na poltrona do canto mal ilumina-

do. Ele não está autorizado a chegar perto ainda, pedi que aguardasse meu sinal antes de participar. Age como se pudesse dirigir a cena. Ela me abre as pernas e põe-se a esfregar com os dedos rijos a pelagem que encobre meus grandes pequenos lábios. Quero ver os dela também, e vejo e coloco a mão, e será que elas chupam, esqueci de perguntar pelo whatsapp. Estou estremecida por algo que não sei definir se é excitação ou se por estar infringindo códigos éticos de não objetificação do outro. Ela troca sexo por dinheiro, eu, por amor. Chamo meu homem fazendo um sinal com o indicador e *Vem, meu bem*, uso o vocativo que acabei de aprender. Ele está salivando e muito vermelho, tomara que esse cretino não tenha um derrame agora, rezo, falta me mandar a metade do aluguel e da escola das crianças.





Swing Night

Taize Odelli

Eu achava que eram oito horas da noite, mas já passava das dez. Ainda não tinha tomado banho depois da academia, estava terminando os últimos ajustes de trabalho antes de poder fazer isso. Durante a tarde, tirei algumas horas de folga, chamei o Marcos, que mora aqui do lado, para tomar um café. Felizmente, ele também estava livre e aceitou. Ficamos conversando sobre o que tinha acontecido desde a última vez em que a gente saiu, quando o Leo estava presente. Foi minha primeira vez com dois caras juntos, ambos bissexuais. E foi maravilhoso.

Durante o café, Marcos me mostrou a foto de um casal que ficou interessado na gente. Dois héteros. O cara não morava aqui, mas naquele dia estaria na cidade e encontraria a namorada e as meninas que dividem apartamento com ela. Queriam chamar a gente para beber alguma coisa e se conhecer, conversar. Falei que se fosse algo leve, toparia — não tinha dormido nada na noite anterior. Quando bate a insônia é complicado, às quatro da manhã tinha apenas desistido de tentar dormir.

Poucos minutos depois das 22h, Marcos me manda uma mensagem: chamaram a gente pra um bar temático BDSM. Não é aquele rolê onde todo mundo vai vestido de couro ou látex, era algo mais “família”, na medida em que um bar temático fetichista pode ser família. Topei, fui tomar um banho e esperar ele para irmos juntos.

O casal era mais bonito pessoalmente do que nas fotos, ao menos o cara. Gabi e André eram o casal; Taís e Mariana, as amigas que moravam juntas. Pedimos as bebidas, algo para comer e subimos todos para o segundo andar, onde aconteceria uma demonstração de submissão. Conforme a bebida foi batendo, fomos nos soltando e conversando mais.

Taís, Mariana e Gabi decidiram comprar em conjunto um chicote de couro, pois já que estamos aqui, vamos viver a experiência. Nós seis subimos no palco

onde rolou a apresentação e começamos a brincar com o chicote, se revezando no papel de dominador e submisso. Cada um foi testando até onde sentia dor, e outros até onde tinham força. Aos poucos, uma bunda ou outra aparecia, pronta para receber o chicote. Tudo era novidade, tudo parecia engraçado, e estávamos nos divertindo com isso.

Quem mais estava no bar observava, até que um homem se aproximou e perguntou se poderia apanhar também. Dava para ver pelo jeito que ele pediu que entendia sobre ser submisso. Gabi, Taís e Camila, uma menina desconhecida que acabou se juntando à gente, se revezaram batendo nele, pois foram as que se saíram melhor. Depois da leve sessão de tortura, ele agradeceu muito a elas por terem deixado participar, e perguntou para a Taís se podia pegar nos pés dela. Pois é, submisso e podólatra.

Mas aí chegou a hora do bar fechar. Decidimos que eu, Marcos, Gabi, André e Mariana iríamos para a casa das meninas. Taís foi para outro lugar que até agora não sei qual foi — se saiu com Camila e o namorado ou se saiu com o podólatra submisso. Um mistério.

Chegamos no apartamento delas, e foi aí que toda a bebida começou a pesar em mim. Apenas me joguei no chão da sala e pedi água, já sentindo que em breve estaria entregue ao sono. Em alguns momentos, conseguia abrir os olhos e ver Marcos, Gabi e André se pegando, já com todas as roupas no chão. Fui ficando excitada ao ver eles se beijando e se esfregando de pé, dava para notar o quanto eles estavam gostando. Mas sentia que, se eu me juntasse, logo passaria mal. Os três foram para o quarto enquanto me deitei no sofá da sala até a vertigem passar.

De lá eu ouvia os gemidos da Gabi. Fiquei tentando imaginar o que estavam fazendo, e me concentrando para melhorar, tirar o álcool do sangue. Umás duas horas depois que chegamos na casa, os

gemidos continuavam e eu me sentia melhor. Fui ao banheiro e, ao voltar, vi a porta do quarto em que estavam entreaberta. Uma cama grande, com dossel, e três pessoas nuas. Me chamaram, e claro que entrei. Enquanto beijava a Gabi e pegava no pau do Marcos, André me chupava. Mesmo um pouco mais sóbria, não dava para saber de quem era a mão que apertava meu peito ou minha bunda. De quem era a língua que me lambia. Em um certo momento, eu e Gabi chupávamos juntas o pau do André. E o do Marcos. E eles também se chupavam e beijavam. Ninguém ficava sem algo na boca.

Depois de gozar, fui fumar na varanda. Já eram quase quatro da manhã, 24 horas seguidas acordada. Decidi dormir na sala, preciso de espaço, e quatro dormindo numa cama certamente não ajudaria o meu sono. Em algum momento, me trouxeram um cobertor para não passar frio.

Acordei cedo com mais gemidos vindo do quarto. Esperei terminarem porque, sinceramente, eu já estava bem satisfeita. Mas depois de levantar e dar uma lavada no rosto, pensando em apenas pegar as minhas roupas no quarto, olhei para os três deitados na cama, tão confortáveis, e decidi deitar mais um pouco.

Foi aí que começou tudo outra vez. Começou com um meia-nove entre André e eu, os dois se lambendo e chupando como se estivessem famintos. Trocamos novamente os casais, e enquanto sentava e me esfregava no Marcos, fiquei olhando o André chupar a Gabi. Notei as costas bonitas, o jeito que ele se movimentava enquanto engolia a buceta dela. E ela arqueando toda, gemendo, os peitos pequenos levantando. E a delícia que era sentar no pau do Marcos, aquele pau no tamanho perfeito para pôr na boca e para rebolar em cima. E gozar, embora ele não conseguisse mais depois de tanto fazer isso à noite e mais cedo pela manhã. Ainda dava para ver a porra seca do Marcos nos peitos da Gabi.

Museu do Livro Esquecido

Museu e gabinete de leitura para a história do livro



“O Triunfo da Vaidade: Matias Aires e suas Reflexões”,
exposição de 28 de junho de 2025 a junho de 2026.
Matias Aires, Typografia Rollandiana e gravuras em edições raras
para refletir sobre a vaidade e o fim da vida.
Biblioteca disponível para pesquisa.

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030

(11) 91853-6231

museudolivroesquecido@gmail.com



“Transitando pela fronteira imprecisa
da ficção e da autoficção, André
Giusti relata, neste monumental
romance, a crise do gato de meia-
idade. Um personagem volúvel, por isso
contraditoriamente fascinante”

Sérgio Tavares

Só Vale a Pena se Houver Encanto,
de André Giusti. À venda em
www.caoseletras.com.br e na Amazon



O cão da feiticeira

Rafael Souza Santos

Era de uma vez um velho carvoeiro, que tinha por filhas três bonitas meninas, ainda que sempre um pouco enfarruscadas. Certo dia ficou-se o velho de cama com uma terrível malina, que todos acharam que se ia desta para melhor. Saiu a mais enfarruscada das filhas em busca de quem desse tratamento ao velho pai. E seguindo para a Cidade das Quatro Torres, ia passando por um desoladíssimo areal, quando se lhe abeirou uma pobre velha. Linda menina, tem dó de mim. Estou a cair de debilidade. Arreliada lhe devolveu a enfarruscada. Velha entremetida, mais depressa socorria um cão. Tomara que o encontres, sentenciou a senhora, e num instante desapareceu. Nisto foi chegando de longe um temível canzarrão, muito atizado à jovem menina, que estacou de medo e, zuca!, logo a devorou. Entretanto na paterna casa, o velho carvoeiro ia cada vez mais ganindo a cegarrega, o que era para as filhas um verdadeiro martírio. E como não chegassem notícias da filha mais enfarruscada, se decidira a tentar a sua sorte a filha medianamente enfarruscada, saindo muito lesta e com o mesmo destino da irmã. E já se vendo por metade do areal, aparece-lhe a velha pedinchando com a mesmíssima ladainha. Linda menina, tem dó de mim. Estou a cair de debilidade. Terça te parta, disparou a encardida, mais depressa socorria um cão. Tomara que o encontres, e seguindo o mesmo procedimento, dali deu sumiço a velha senhora. Nisto se vem abeirando o cão, e num instante, zuca!, engoliu a menina. Tempo se foi passando, e em casa do carvoeiro, a terceira filha se via prestes a ensandecer. Estando o pai mais morto que vivo, e toda a esperança se julgando perdida, ainda assim saiu de casa a menina, a menos enfarruscada de todas, se mais não fosse a procurar algum esparecimento. Nisto já se achava no malfadado areal, quando lhe apareceu a velhinha do costume. Linda menina, tem dó de mim. Estou a cair de debilidade. Velha maldita, mais depressa socorria um cão. Tomara que o encontres, disse a outra, mas antes que lograsse desaparecer, lhe agarrou pela manga a menina quase-não-enfarruscada, perguntando com modos muito impróprios se havia por acaso flagrado as duas irmãs. Nisto se foi chegando a cãozarrão das praias e, zuca!, começou por comer a velha, que era afinal uma bruxa. Obrigado linda menina, livraste-me da maldição da velha feiticeira. Como te posso recompensar? Leva-me a quem possa curar o meu pai. Assim foi, se metendo à garupa do grandíssimo cão, num instante foram dar à cidade. Lá a menina fez negócio com o curandeiro, que tornou com ela para observar o pai enfermiço. No entanto, quando chegaram, há muito que o velho havia patinado, deixando a casa muito encarvoad e fedendo à légua. A menina casou com o curandeiro, que não era nenhum estafermo, e a farra durou três dias. Fui lá e nada bebi.





Tânia

Fernanda R. de Carvalho

tânia veste um longo casaco preto de pele sintética que cobre até a metade das suas coxas, protegidas do frio por uma meia-calça bordô fio 80. o que era para ser só uma “consulta rápida” ao espelho antes de sair, acende um desejo hipnotizante de tânia física por tânia reflexo. posa com a língua nos dentes, lança beijos a si mesma e — especialmente — à plateia imaginária que jamais a deixa sob as garras tiranas da irrelevância.

chega a pensar que está a cara da veronica lake, mas corrige o próprio narrador interno logo em seguida: *veronica lake tá se coçando de inveja no inferno*. se já fosse possível comprar kits de clonagem humana DIY na amazon — e não, isso não é uma ideia —, tânia viveria como uma eremita. no futuro, sua existência seria tipo uma lenda urbana do bairro onde mora. por ora, ainda é necessária a vulgaridade de abrir-se a terceiros, mesmo que no caso dela sejam só as pernas.

a verdade é que tânia não aguenta mais o cheiro da própria buceta nos dedos. e, por mais vergonhoso que seja admitir, está carente daquela atenção supérflua — e não menos insubstituível — de homens que fingem ouvir o que ela finge acreditar. por isso veste seu casaco de guerra e dirige-se ao front de batalha: um barzinho superfaturado, frequentado por gente *cool* usando ecobag (sem ser para guardar verduras), perfeito para soltar sua alter ego tigresa.

que merda, tânia. era melhor ter ficado em casa. agora já foi. e o uber não foi barato. ela encosta as costas na parede fria do bar, na mão um extra *dirty filthy nasty foul actually disgusting martini* com duas azeitonas recheadas de queijo azul — e lá se vão 30 reais suados. tal qual uma leoa, escaneia o perímetro do ambiente, com atenção especial às mãos de potenciais alvos, pois acha brega pegar homem casado.

a mulher só percebe agora como suas habilidades de flerte estão enferrujadas, e o medo da rejeição ou da humilhação pública a deixa dura feito uma estátua; a cada segundo sua postura se aproxima a de uma gata arisca e desconfiada. acha que é o casaco. está deixando seus ombros largos, desproporcionais, como uma criança que veste as roupas da mãe. o caimento não valoriza seu corpo. que inferno. tânia vai até o fumódromo.

ufa. bem melhor. caça nos bolsos felpudos seu winston azul e o bic amarelo. não estão no bolso esquerdo, onde costumam estar. tânia está de cabeça para baixo hoje. também não os encontra no direito. puta que pariu. ela não acredita que os esqueceu. é verdade. olha os demais fumantes, que praticamente em sua totalidade seguram aqueles cigarros eletrônicos que tânia acha uma breguice. que cu. opa, aquele mocinho ali segura algo interessante. um cigarro analógico, finalmente. que alívio. bem na hora.

“Porque, aquele que pede, recebe;
e, o que busca, encontra;
e, ao que bate, abrir-se-lhe-á.”
(Mateus 7:8)

ela amansa o cabelo selvagem com as mãos e anda confiante até o rapaz.

— oi, querido, tu faria a gentileza de me dar um cigarro? prazer, tânia.

— claro, prazer. lucas. pera aí — começa a vasculhar os bolsos da calça jeans.

ela agradece com os olhos e sorri docilmente para lucas. ele puxa papo.

— e aí, tânia, o que você faz da vida?

ela respira fundo. tantos tópicos de conversa e ele escolhe justo o mais broxante que é trabalho. ao menos o cara é bonitinho.

— muita coisa. várias. difícil te dizer.

— ah, sim. que tipo de coisa?

— não sei se já te falaram isso, querido, mas branco é a sua cor.

de fato, a camisa clara valoriza muito a aparência do jovem.

— já vi que tu é uma figura né, tânia. pega aí — lucas estende a mão com um maço e isqueiro.

antes tarde do que nunca. tânia relaxa os ombros tensos e expira calmamente, mas o alívio é arrancado dela quase que de imediato. o que vê à sua frente faz o mundo dela se acinzentar por completo. os pelos da nuca se arrepiam e o coração ancora-se no fundo do estômago — que, por sinal, borbulha furiosamente. esfrega as pálpebras na esperança de acordar do pior pesadelo de toda a sua vida, mas não está dormindo. é isso mesmo.

— cigarro mentolado? — ela pergunta baixinho, como se falasse de uma entidade maligna que se invoca pelo nome.

— é. duas bolinhas — lucas responde com um sorriso tímido.

tânia entra em curto-circuito.

a porra de um lucky strike de menta.

uma cuspida na cara seria menos ofensiva — e infinitamente mais sexy — do que supor que ela curte mentolado. nenhuma pessoa (lúcida) na casa dos 40 fuma cigarro com sabor, nenhuma. aliás, nem lucas é novinho o suficiente para justificar essa escolha. tânia subitamente percebe todos os defeitos do rapaz de uma só vez. que uso infeliz de tempo, maquiagem, perfume e dinheiro essa noite.

apesar de furiosa, ela sabe que é elegante demais para ter acessos de raiva em barzinhos quaisquer — por ora, não é elegante o suficiente para deixar de

frequentá-los. sente os espasmos no canto inferior do olho esquerdo, que acontece em crises de extremo estresse. logo, outras partes do corpo de tânia começam a manifestar sua revolta. rangem os dentes uns contra os outros. fecha as mãos em punhos. quer gritar, mas sua voz fica entalada na garganta. lucas olha confuso e lentamente retrai a mão de volta ao bolso.

o recuo da força inimiga acontece tarde demais. a mulher já não controla mais seus impulsos. ou qualquer coisa de si mesma. lá das entranhas, sobe algo espesso que queima o esôfago no caminho. ácido. fervente. já é brega o suficiente dar pt em público, mas piora quando ela lembra da nojeira de queijo gorgonzola e azeitona que está prestes a colorir o chão como uma obra de kandinsky. tânia fecha os olhos em antecipação.

mas não vomita.

nem dá tempo de assimilar isso.

tânia simplesmente explode.

como um show de fogos de artifício, a mulher é despedaçada em jatos simultâneos que tingem todo o fumódromo de vermelho-sangue. pedaços de carne, vísceras, fluídos, viscos e partes honestamente irreconhecíveis voam em todas as direções. é rápido demais. homens e mulheres do bar gritam, saem correndo, mas a maioria ri e logo se distraem com outras coisas.

a cena é grotesca. digna de um terror gore de orçamento miserável e mau-gosto exorbitante. para efeitos visuais, imagine alguns pedaços grosseiros de acém, mais um pequeno roedor de pelos escuros, batidos num liquidificador destampado. um fim lastimável para um casaco tão chique. e a transformação, num piscar de olhos, de um mulherão de primeira numa... substância (?) difícil de descrever, mas que é pedaçada e melequenta. coisa nojenta. parece slime.

não há outras fatalidades ou ferimentos. lucas é o mais próximo do epicentro da explosão e traz tufo pretos colados à sua camisa — agora vermelha, cor que o favorece bem menos do que a original. o rosto do rapaz está coberto de sangue e restos da coroa gata com a qual conversava só segundos antes e estava louco para “conhecer melhor”. com as costas da mão, lucas limpa a gosma humana que cobre sua visão. olha para o copo de cerveja morna resiliente em sua mão ensanguentada. um naco de carne do tamanho da ponta de seu mindinho flutua sobre o líquido, que ganha um leve tom ferrugem. ele pesca o inconveniente nos dedos e descarta no chão como uma bituca de cigarro.

cheira o copo.

decide mandar o conteúdo goela abaixo.

...

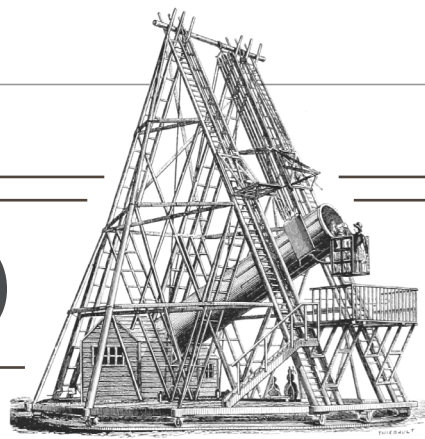
é.

dezessete reais, né.

300 ml essa bosta.

não dá para jogar fora.

RELEVO



ANNO XV • FASCÍCULO II

NOTÍCIAS

Cada vez mais preocupado em bem-informar nossos leitores, o **Jornal Relevo** busca trazer as mais aca-chapantes novidades da civilização contemporânea.

2025 foi mais um ano que não escapou do nosso olhar clínico, cirúrgico, diagramático e semiconfláutico. Confira as mais importantes notícias do ano!

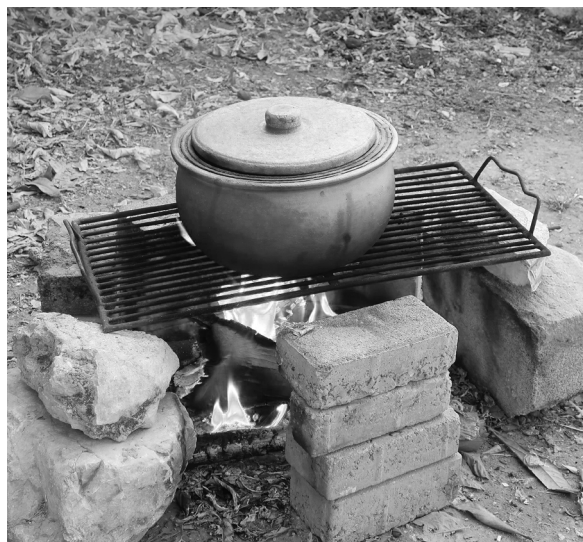
Manifestantes propõem rebranding da tabela periódica: “nomes muito feios”

Um grupo de manifestantes se reuniu na Lapa, região central do Rio de Janeiro (RJ), para protestar contra a tabela periódica. “A grande verdade é que esses nomes são muito, muito feios; fica difícil para o jovem aprender”, alega Demétrio Probono, professor de química e entusiasta de um chopp Brahma. “Um não, né, vários!”, corrige, às 9h53. “A tabela periódica precisa de um *rebranding* imediato”, vocifera Mari Medeiros, especialista em marketing digital. Probono, com notável bafo de cachaça e rollmops, sugeriu nomes como Negrônio, Boulevárdio e Club-Sódio, ao passo que Medeiros lhe respondeu: “Mas o jovem nem bebe mais”. “Então o jovem que se foda!”, chicoteou com ira o professor, que logo se distraiu com outra coisa e foi embora. Os dois eram os únicos presentes na manifestação, ao menos intencionalmente. “Sem caô, eu tava curtindo a pira dush cara”.



Panela-depressão conquista brasileiros com humor ácido e gosto amargo, apesar de preço salgado

“Teu feijão é uma merda!”: nada como ter um chef “das antiga” cuspiando no seu ouvido – e na sua comida. A smart pan panela-depressão, lançada em 2025 pela startup nacional Cozinho, é a grande novidade entre as pressure cookers do mercado. Ela tem conquistado os brasileiros por sua lucidez (“o que justifica seu péssimo humor”, de acordo com o press release) e a vontade de exterminar a humanidade. Apesar do preço salgado, as reviews de profissionais e TikTokers desempregados que perderam a alma na terceira publi



são incríveis: a panela-depressão tempera a vida do usuário com verdades cáusticas e um aprimoramento técnico notável. “É impossível ignorá-la. Literalmente, porque ela ameaça explodir a si mesmo e a cozinha o tempo todo – e a gente não quer ver isso, né”, relata o cliente Tobias Tonetto. “E o que esse filisteu sabe? Com todo respeito, mas o Tobias não consegue fritar um ovo. É inacreditável o quanto suas batatas me deprimem. Inglesa, doce, asterix, tanto faz. Nenhuma se salva. Nada se salva. Nunca”, respondeu a panela.

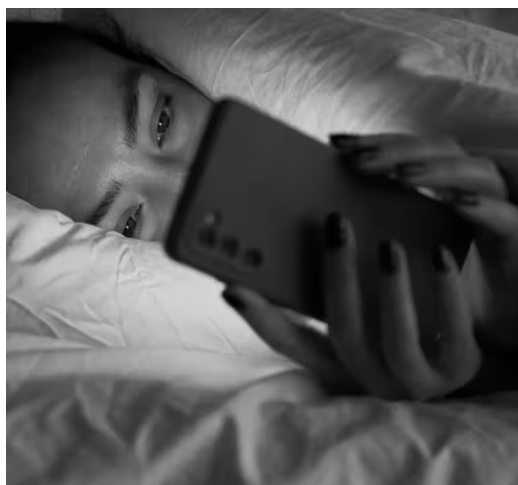
“Quem cometer crime é gay” – prefeitura testa homofobia lúdica a seu favor e criminalidade despencou 83%

Furto, roubo, latrocínio. Injúria, agressão, fuzilamento. Quem diria que a solução seria tão fácil? Foi a grande iniciativa de Raphael Saccada, prefeito de Águas do Cerrado, interior de Goiás. Como a maçã que cai da árvore e muda a física, o estalo surgiu de forma despretensiosa, na reunião de seu partido para definição da verba da secretaria do esporte local. Motivados por um jocoso “o primeiro a votar é gay”, os correligionários não votaram. Nenhum deles. Por mais de 54 minutos. “Aí eu compreendi tudo. No dia seguinte, depois de não votar – porque, com todo o respeito (de verdade, nada contra quem é), não sou frutinha –, reuni a equipe inteira e alinhei com os vereadores essa lei municipal”. O resultado é realmente estrondoso: até então chamada de “Águas da Facada”, a cidade

viu todos os índices de criminalidade despencarem. “Eu mesmo larguei. Sei que sou homem e não preciso explicar nada, mas... não custa garantir, né; é chato ficar ouvindo provocação” expõe Miguel “Tromba”, acusado de... bastante coisa sórdida. “Olha, vou dizer que a solução é elegante? Não necessariamente. Mas depois que saiu a campanha ‘quem bate em mulher é gay’, houve uma verdadeira transformação; eu nunca vi isso”, alega Marta Vinhedo, maior representante do Conselho Tutelar local. Questionado se o novo patamar social de Águas do Cerrado tem o dedo do prefeito, o líder da oposição respondeu “hihihihihi”. Outros municípios se interessaram pela proposta, mas travaram na cláusula imposta por Raphael Saccada: “quem nos copiar é gay”.

“Por que é tão difícil pegar no sono?” e outras perguntas a se fazer na cama do quarto escuro diante do celular

Skincare. Mindfulness. Jejum intermitente. Biohacking. Treino HIIT. Terapia. Monitoramento de sono. Low-carb. Digital detox. Shake proteico. Meditação. Dieta cetogênica. Wellness retreat. ASMR. Breathwork. Sunday reset. Banho gelado. “Adoro ler sobre tudo isso na minha cama antes de dormir!”, exclama a engenheira Letícia Calheiros, 28. “O importante é ser um pouco melhor a cada dia, né”, contempla. “Agora com licença porque estou deitada há três horas e preciso dormir. Até!”. “Antes ela dormia tarde, mas porque a gente tomava bala todo sábado”, confidencia uma amiga que não quis ser identificada. “Saudades”.



Personal trainer usa camiseta “ANALISTA DE SISTEMAS” ironicamente

Alguém decidiu ser engraçadinho. Rogério “Tripa” quis pregar uma peça em seu círculo social e, cansado de ser chamado de picolé de Whey por um bando de frango, apareceu na academia com uma camiseta diferente. No lugar da notável peita que estampa sua profissão para o mundo – um curioso passe livre social exclusivo à classe –, Tripa confeccionou uma peça com a função “analista de sistemas”, que ele, aliás, não tem a menor ideia do que faz (e, pra ser justo, nós também não). O que Tripa não esperava era a reação do simpático, silencioso e dono de “um shape bem digno” Davi Daronco, ele próprio analista de sistemas. Encorajado pela ironia alheia (e com o tato social típico de TI), Daronco decidiu fazer o mesmo. Logo eram duas camisetas de analistas de sistemas juntas, apenas uma delas carregada pela mentira dolosa do personal trainer, cujo humor passava cada vez mais despercebido. Tripa, um coração puro (e, apesar de boatos maldosos, um corpo também), capaz de aguentar 90 kg de supino, não conseguiu sustentar uma semana desse constrangimento, forçando-se a trocar de academia. “Por onde anda aquele outro analista de sistemas?”, perguntou-se Davi Daronco, sozinho.

Torcida organizada é banida de show pop em Vale do Horizonte

O show da cantora internacional Luma Vega, previsto para 3 de novembro na Arena das Pedras, mais conhecida como Pedregulhão, em Vale do Horizonte-MG – onde o time local também manda seus jogos da 3ª Divisão do Campeonato Mineiro –, tem gerado diversos assuntos extra-campo. Integrantes de uma torcida organizada local, a Força Jovem Vega, foram banidos de entrar no estádio. A decisão partiu da produção após relatos de que o grupo pretendia levar bandeirões, instrumentos de bateria e até coreografias típicas da modalidade para dentro da apresentação, com integrantes da torcida em protesto por conta da canção “Valle del Sol”, dedicada supostamente à cidade vizinha de Vale do Horizonte. Segundo a organização, a intenção é manter o clima “exclusivamente pop”, sem riscos de tumulto. O presidente da torcida, Rogério “Big Poppa” Martins, de 43 anos, no entanto, promete protestos na entrada do show e entoar gritos de guerra como “Ôôô... queremos raça! / Queremos raça pra cantar!”. Até o momento, a produção não confirmou se a medida será adotada em futuras apresentações no Brasil.

Para mais notícias, acesse nosso portal online:
www.instagram.com/jornalrelevo





A Duquesa Feia



A Duquesa Feia, ou Idosa Grotesca, do holandês Quentin Matsys, é uma alegoria sobre luta contra passagem do tempo e o desencontro com os hábitos de sua época. Uma senhora de idade posa adornada com vestimentas da juventude – já fora de moda –, um pitoresco chapéu e seios tão voluptuosos quanto enrugados à mostra, sugerindo uma vaidade talvez excessiva.

Essa temática aparece também no ensaio *Elogio da Loucura*, de Erasmo de Rotterdam, publicado dois anos antes do quadro. No livro, Erasmo se refere a senhoras que “não conseguem sair de perto do espelho” e “não hesitam em expor seus repulsivos seios”.

O que mais chama a atenção é o contraste da indumentária da personagem com seu rosto grotesco. Por muito tempo, a origem dessas feições aberrantes foi objeto de debate, até a clamorosa sugestão de que a modelo, na verdade, sofria da **Doença de Paget**, a qual só seria descrita trezentos anos mais tarde. Essa condição envolve um crescimento desenfreado de alguns ossos. Tal crescimento provoca deformações como as da pintura.

Por séculos, pensava-se que Matsys havia copiado uma gravura de Leonardo Da Vinci. Recentemente, no entanto, ficou esclarecido como foi Leonardo, ou alguém de seu ateliê, quem copiou o holandês, já que ambos os pintores trocavam correspondências e desenhos. A “duquesa grotesca” se tornou, inclusive, inspiração principal para o ilustrador John Tenniel desenhar a duquesa do livro *Alice no País das Maravilhas*:



Bônus: O asteroide 9569 Quintenmatsijs ganhou esse nome em homenagem ao pintor, um dos fundadores da prolífica escola da Antuérpia.

E N C L A V E

a newsletter do Jornal **RelevO**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>



Voltei para buscar meus olhos, novo livro de poemas de Sabrina Dalbello, parte das observações da autora sobre o mundo, as coisas e as pessoas. Traduz em poemas aquilo que é visto e sentido durante sua trajetória de vida, trazendo esse olhar para os temas presentes no livro, como nascer, adolescer, crescer, amar, ter saudade, sentir medo, morrer, pertencer a uma família e, ao mesmo tempo, ter dificuldade de se encaixar em um sobrenome.

voltei para buscar meus olhos
Sabrina Dalbello

R\$ 60,00

impressoesdeminas.com.br



Amor, loucura e morte: o terror inquietante de Amparo Dávila

Laís Fernandes

Espectros animalescos espiam do canto da sala. Uma névoa densa toma conta de todos os cômodos, ficando impossível enxergar quem — ou o quê — se aproxima lentamente, urrando, à distância. O medo e a solidão criam formas físicas capazes de nos sufocar. Amparo Dávila tinha o poder de converter os aspectos cotidianos em fogo vivo, assombro, maldição. A autora foi uma das grandes contistas e poetisas mexicanas do século 20, destacando-se sobretudo na prosa de ficção fantástica, berço fértil de imagens horripilantes e estranhas que, segundo ela, visavam metamorfosear os três pilares fundamentais da vida: o amor, a loucura e a morte.

Tendo como grandes admiradores confesos a poeta argentina Alejandra Pizarnik, o escritor Julio Cortázar, de quem foi amiga e se correspondeu por carta durante anos, e as autoras contemporâneas de terror Mariana Enriquez e Silvia Moreno-Garcia, Amparo Dávila seguiu parte da vida sem muita notoriedade no seu país e no mundo (tanto que sua estreia propriamente dita nos Estados Unidos aconteceu apenas em 2018, com a publicação da antologia de contos *The Houseguest and Other Stories* (“O Hóspede e Outras Histórias”, em tradução livre), algo um tanto contraditório para o peso e a maestria de sua escrita que trabalha tão bem o terror e o suspense em cenários facilmente relacionáveis com a nossa vida, assemelhando-se em vários pontos aos escritos de Edgar Allan Poe e Shirley Jackson.

No entanto, a autora vem sendo resgatada nos últimos anos e tem um potencial gigantesco para ser traduzida em mais países devido à ascensão da literatura insólita escrita por mulheres, sobretudo na América Latina. Nascida em 1928, na cidade de Pinos, localizada em Zacatecas, Amparo desde muito cedo conviveu com a morte bem de perto: além de observar, maravilhada e com certo espanto, os cortejos fúnebres que passavam pela rua de sua casa quando ainda era criança, teve também de lidar com a morte precoce do irmão mais novo e de seus outros dois irmãos, conforme

crescia. O luto a marcou profundamente e reverbera em suas obras de forma realista ou transformado no fantástico característico de seus contos.

Filha de um pai apaixonado por literatura e orgulhoso de sua biblioteca particular, não demorou muito para que, além da morte, a pequena Amparo também descobrisse a magia das palavras e delas extraísse parte de sua essência como contadora de histórias. Perdida nas gravuras de Gustave Doré que ilustravam lindamente o exemplar robusto de *A Divina Comédia*, internalizava o mundo em preto e branco que rondava a própria existência e seus livros favoritos, uma escala de cinza também encontrada em sua obra, que reflete as dimensões onde a vida, em alta velocidade, desgoverna-se e capota em um precipício de insanidades.

Foi também em Franz Kafka, Hermann Hesse, Horacio Quiroga, Juan Rulfo, entre tantos outros autores clássicos, que Amparo encontrou o desconforto e encantamento necessários como inspiração para a criação de suas histórias. Quando adulta, trabalhou por um tempo como secretária do autor mexicano Alfonso Reyes, grande incentivador de sua escrita e responsável por apresentá-la aos maiores círculos literários mexicanos. Com o apoio dele, sobretudo ancorada no próprio talento, Amparo começou a publicar seus textos na década de 1950, estreando com o livro de poesias *Salmos bajo la luna* (1950) e, mais adiante, publicando sua primeira antologia de contos, *Tiempo destrozado* (1959), época em que a literatura escrita por mulheres era menosprezada e apagada, fardo que ela também dividiu com suas contemporâneas Rosario Castellanos e Elena Garro (*Tiempo destrozado* foi publicado seis anos após as mulheres receberem o sufrágio no México).

A autora teve de enfrentar, inclusive, a desaprovação da própria família, que desejava que ela encontrasse um “emprego de verdade” e não se tornasse escritora — felizmente, Amparo seguiu as batidas ensurdecadoras de seu coração e fez da escrita seu ofício, deixando um legado de trevas e

Conforme subia as escadas, pensava estar me aproximando da eternidade, uma eternidade de brumas e silêncio.

Trecho do conto “Moisés y Gaspar”, tradução minha.

admiração por onde passou. Amparo tinha um estilo próprio de criar; não alimentava uma rotina de escrita, mas sim esperava que a inspiração partisse de alguma memória ou acontecimento presente para a história surgir, o que ela denominou *la literatura vivencial*, e isso não agradava os editores sedentos por uma abundância de materiais a serem publicados.

Após a publicação das antologias *Música Concreta* (1964), *Árboles petrificados* (1977) e *Muerte en el bosque* (1985), a autora passou anos esquecida pelo público e pelas editoras locais, lançando uma nova obra apenas em 2008, *Con los ojos abiertos*. O livro póstumo, *Cuentos reunidos*, que reúne todas as antologias de Amparo, foi publicado em março de 2022, com introdução de Mariana Enriquez.

A ameaça invisível nos contos de Amparo Dávila

Amparo utiliza o México e sua população como foco de seus contos, algo que pode ser claramente visualizado nos nomes de seus personagens, cidades onde as histórias se passam e até nos jargões em espanhol mantidos na tradução para o inglês de *El huésped y otros relatos siniestros*. No entanto, como cita Silvia Moreno-Garcia em sua resenha¹ do livro, a obra de Amparo não aborda aspectos etnográficos mexicanos, como as festas populares e o folclore, muito menos cai nos velhos estereótipos propagados mundialmente: assim como em *Gótico Mexicano*, obra de Silvia, o terror aparece, muitas vezes, nos cantos de belos casarões e assombra famílias mexicanas ricas em seus carros, roupas e perfumes importados.

Outras particularidades da escrita de Amparo são os chamados “terror domés-

tico” e “a ameaça invisível”; muitas de suas protagonistas são mulheres e não raro as encontramos nos contextos em que a rotina de cuidar da casa, dos filhos e de parentes adoentados se torna sufocante, afundando-as em uma espiral de horrores e medos que as fazem questionar a própria sanidade que evoca monstros, internos e externos, com potencial devastador.

Diversas vezes desamparadas e desacreditadas pelos homens presentes em suas vidas, essas personagens denunciam o machismo nas relações familiares, aspecto transformado em metáfora para contar o terror a que são submetidas no local em que supostamente deveriam se sentir seguras: o lar. O conto mais famoso da autora, “El huésped”, é um grande exemplo disso: uma mãe precisa reunir forças com a doméstica que a auxilia para se protegerem, e protegerem os filhos de ambas, da ameaça de um hóspede assustador recém-chegado e levado pelo próprio marido para dentro de casa, que por negligenciar a própria família e passar horas fora a trabalho não vivencia o medo que as duas passam a sentir, inclusive menosprezando a preocupação da esposa. Na história, a mulher descreve o visitante da seguinte forma:

Ele era macabro, sinistro, tinha grandes olhos amarelados e redondos que não piscavam, que pareciam transpassar coisas e pessoas.

Não se sabe ao certo se o hóspede é um homem ou animal; esta é a beleza da ambiguidade que Amparo colocava em seus contos e que aparece também em outras histórias. De todo modo, há nele algo inquietante de imediato, que se torna cada vez mais



desesperador conforme a criatura, também masculina, passa a ter autonomia dentro de um lar que não é seu, e a violentar física e psicologicamente as mulheres e crianças que ali moram ou frequentam.

O local em que essas personagens vivem se mistura ao terror e prenuncia o que está para acontecer de ruim em suas vidas, outra ramificação da ameaça invisível que as ronda. Logo no início deste conto, Amparo trabalha a ambientação informando que a protagonista e a família viviam “em um lugarejo isolado, longe da cidade. Um lugar moribundo ou prestes a desaparecer”.

Já no conto “Óscar”, uma jovem viaja após anos morando na capital para a cidadezinha em que morava e reencontra os fantasmas de seu passado: os pais e os irmãos desgastados pela presença de Óscar, um familiar que vive no porão da casa e dita as regras de como todos devem se comportar e, quando a família dorme, entra nos quartos para observá-los de perto.

Do porão, Óscar coordenava suas vidas; sempre foi assim e continuaria a ser. Ele era o primeiro a comer – ninguém podia experimentar a própria comida antes dele. Ele sabia de tudo, via tudo. Sacudia, furioso, a porta de ferro do porão e gritava quando algo o desagradava.

Óscar é outro grande exemplo dessa ameaça invisível que ronda os personagens de Amparo. Também uma figura masculina e violenta, que não sabemos ao certo se é humana, mas que se comporta animalescamente, ele tem nas mãos aquelas vidas e com elas brinca como bem entende, amedrontando-as pelo fato de existir (mesmo não convivendo com elas durante o dia – logo, sendo de algum modo invisível para eles), ainda mais ao observar a relação de subserviência a que elas mesmas se submetem por medo de algo pior acontecer.

É na figura de Mónica, a filha que os visita, que Óscar projeta um gigantesco entrave na sua rotina e em suas ações tão meticulosamente arquitetadas, pois a

garota, diferente dos pais e dos irmãos, outrora conseguiu se desvencilhar da relação opressora que também vivia para conseguir trabalhar e estudar na capital, desafiando as ordens da criatura – e quando ela chega, tudo naquele lar desmorona.

Já na narrativa “Musique concrète”, uma das histórias que mais evocam o infamiliar na obra de Amparo, uma mulher descobre que o marido a trai com uma costureira e é assombrada por um coaxar constante e enlouquecedor, cuja origem é ainda mais perturbadora: a própria amante, que com olhos imensos e postura de sapo, a persegue em todos os lugares, encarando-a. Este conto também evoca o arquétipo da “mulher insana” que aparece em determinadas obras de terror, semelhante ao que sofre a protagonista de *O papel de parede amarelo*, história de Charlotte Perkins Gilman, uma vez que a personagem de “Musique concrète” não é levada a sério pelo amigo narrador da história e passa a se questionar se tudo aquilo não é fruto de sua imaginação, enquanto o exterior tenta a qualquer custo destruí-la e enlouquecê-la de fato.

Mas é em “Moisés y Gaspar” que Amparo Dávila tem uma de suas histórias mais emblemáticas e alvo de diversos estudos literários, por ser profundamente ambígua do início ao fim e suscitar emoções completamente confusas nos leitores: um homem recebe a notícia do falecimento do irmão e fica encarregado de cuidar de Moisés e Gaspar, dois animais de estimação que ora se comportam como gatos ou cachorros, não se sabe ao certo, ora parecem duas crianças que, enlutadas, passam a tirar o sono de seu novo tutor, despertando nele um desejo sanguíneo nunca vivenciado.

A própria ambientação do conto, assim como em “El huésped”, transmite o processo traumático de luto pelo qual tanto o protagonista quanto os dois animais estavam passando, ao descrever os cenários como cobertos por uma névoa que não permitia enxergar aquilo que estava diante dos personagens, fazendo com que toda a atmosfera fosse envolvida por um pesadelo sem fim.

A maioria de suas histórias termina abruptamente e de forma certa, até mesmo um tanto pessimista, e os desfechos poderosos povoam o imaginário dos leitores até mesmo após o término das leituras.

A autora morreu em 2020, aos 92 anos. Partiu de braços dados com a Morte, sua velha conhecida, em um dia lindo de primavera, como sempre sonhou partir – e aqui, a Ceifeira permanece povoando sua obra inquietante, repleta do terror maravilhoso que assombra, inspira. Permanece.

REFERÊNCIAS

¹MORENO-GARCIA, S. Unseen Forces Menace ‘The Houseguest’. **NPR**. Disponível em: <<https://www.npr.org/2018/11/24/669816790/unseen-forces-menace-the-houseguest>>. Acesso em 30 ago. 2022.

DÁVILA, A. **The Houseguest: And Other Stories**. 1. ed. Massachusetts, 2018.

GLEESON, M. The Crying Cat. **The Paris Review**. Disponível em: <<https://www.theparisreview.org/blog/2017/02/14/the-crying-cat/>>. Acesso em 30 ago. 2022.

HARRIS, A. The Fern Cat. **The Paris Review**. Disponível em: <<https://www.theparisreview.org/blog/2017/02/21/translating-amparo-davilas-moses-gaspar/>>. Acesso em 30 ago. 2022.

HERNANDEZ-SIAS, A. Amparo Dávila em the horror of domesticity. **Columbia Journal of Literary Criticism**. Disponível em: <<http://c-j-l-c.org/portfolio/amparo-davila-and-the-horror-of-domesticity/>>. Acesso em 30 ago. 2022.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com



Aulas individuais e em
pequenos grupos
Clube de conversação
Clube do livro

@tribecaenglishclasses
55 41 98728 2135

Assine a newsletter





Grátis: pacote com 234 assuntos de e-mail

Bolívar Escobar e
Gabriel "Florzinha" Jacobi

Eu nunca tinha enviado um e-mail antes, porque não sabia o que colocar no assunto. Mas, graças a este produto, agora eu envio dois ou até mesmo três e-mails por dia!

Bernardo Eriksson
APICULTOR

Eu tinha uma fila de quase 10 e-mails para enviar, mas estava em dúvidas sobre os assuntos de cada um. Após consultar esse pacote grátis, eu consegui enviar 9 e-mails! Um ainda está na fila porque não tinha o assunto que eu queria.

Anabela de Malhadas
DATILÓGRAFA

Eu confesso que estava receosa de enviar meu currículo para as empresas, pois não sabia o que colocar no assunto do e-mail. Hoje, graças a este pacote de assuntos de e-mail (grátis), eu enviei meu currículo para cinco empresas, usando o assunto de e-mail "Currículo para empresas"!

Paula da Silva
UX STRATEGIST

Observando esse tipo de depoimento caloroso que chegamos à conclusão: criamos um produto excelente. A angústia e o sofrimento para escolher assuntos de e-mail é uma mazela da nossa sociedade cada vez mais invisibilizada. A quem interessa tamanho sofrimento? Sabemos muito bem. Por isso, trazemos aqui, nessas páginas, uma lista completamente gratuita de assuntos de e-mail que podem ser usados nas mais diversas ocasiões.

Caso você esteja querendo enviar um e-mail para aquela pessoa especial, mas teme o constrangimento de emitir uma mensagem que aparece como "(sem assunto)" na telinha do celular do seu destinatário, chegou a hora de mudar o jogo.

É super simples: basta observar a lista a seguir e escolher um assunto de e-mail que satisfaça suas necessidades. Copie-o, letra por letra, no campo de texto destinado ao Assunto do e-mail que está escrevendo, e pronto*.

Não precisa pagar nada, não precisa fazer pix. Não precisa agradecer também. Seu sorriso é o que nos motiva e o que nos sustenta.

Siga adiante. Mande e-mails. Não deixe para chegar amanhã à *inbox* que pode lhe receber hoje.

* Obs.: não garantimos que o e-mail será lido ou sequer aberto. Ele pode parar na caixa de SPAM também, nunca se sabe. Para evitar tal contratempo, sugerimos o assunto "Não é SPAM", incluso no pacote.

1. Chegou e-mail
2. IMPORTANTE Por favor leia este e-mail
3. E-mail especial de aviso
4. E aí meu chapa?
5. NÃO É VIRUS
6. Confira esta diversidade de produtos
7. Assunto sério
8. E aí FILHÃO só no compiuter?
9. Nova correspondência eletrônica
10. Lembra dos queijos? Chegaram
11. Limonada?
12. Você corre perigo
13. Todos nós corremos perigo
14. ABAIXO-ASSINADO
15. Que tal um e-mail?
16. Seja bem vindo à internet
17. Você adquiriu produtos
18. Agora sim
19. Agora não
20. Amiga sua LOUCA
21. Não precisa abrir este e-mail se não quiser
22. Informações úteis
23. Novas tarefas
24. E-mail de trabalho
25. E-mail que pode ou não envolver dinheiro
26. ABRA SOZINHO
27. NÃO ABRA SOZINHO
28. Os queijos retornaram
29. Excelente ideia! Abra o e-mail e confira
30. Fotos de pessoas com pouca ou nenhuma roupa
31. Hora de dar risada!
32. Meu marido está MORTO
33. Várias coisas que precisamos discutir
34. Algumas coisas que precisamos discutir
35. HORÓSCOPO GRÁTIS
36. Dúvidas?
37. Convite para grupo de estudos
38. Convite para buffet de sopas
39. Convite para espetáculo (não envolve sopas)
40. Video-game é arte?
41. Design é arte?
42. Arte é arte?
43. Produtos usados
44. Olha que bonito o meu gato de estimação. Ele é lindo
45. COMUNICADO: estou solteiro(a)
46. Cobrança indevida
47. Aumente seu pênis
48. Aumente o meu pênis
49. Diminua o pênis
50. Pênis?
51. Pênis!
52. Lista de links
53. Separei alguns links
54. Links da semana
55. Links de pênis
56. Vídeos de pênis
57. Vídeos de gatos
58. Pênis de gatos
59. Seu nome está no SERASA
60. O meu nome está no SERASA
61. Alô aqui quem fala é o SERASA. Temos o seu nome
62. Já faz uma semana que seu nome está no SERASA
63. E-mail para abrir mais tarde
64. Materiais para impressão
65. Anotações da última reunião
66. Anotações da sua vida
67. _____, vamos conversar eletronicamente (SUBSTITUIR TRAÇO POR NOME DA PESSOA)
68. Esqueci o anexo do e-mail anterior
69. Se você me ama de verdade por favor não abra nenhum dos 17 emails que eu enviei nessa última madrugada
70. Viu que eu te mandei uma mensagem no zap né?
71. Aumente seus pennes! Oferta especial da semana da Itália na mercearia do Rodrigo e da Inês!
72. Nu frontal Murilo Benício
73. Re: Re: Re: Re: Re: Re: Hehe
74. Pães, cucas, bolos, salgados, chico balanceado, sagú de pêra e suco de garapa! Tudo na melhor qualidade colonial!

75. Amigaaaaaa

76. Olha o que eu achei! (em anexo: fotos de um besouro)

77. Lançamento do livro “Meu véu, minhas memórias, suco da vida”

78. Veja como MUDAR sua vida

79. Veja como MUDAR a minha vida

80. Pelo amor de DEUS mude a sua vida

81. Compre um barco

82. Procurando companhia?

83. Procurando emprego?

84. Procurando queijos?

85. Procurando pênis?

86. Procurando Nemo?

87. Procurando...

88. Olha o que eu achei! (em anexo: fotos de um pênis)

89. Me adicione à sua rede de contatos no LinkedIn

90. Mais um e-mail do LinkedIn

91. Adivinha? Isso mesmo: alguém viu seu perfil no LinkedIn. E agora?

92. Pessoas estão te procurando no LinkedIn

93. Pessoas estão te procurando na rua

94. Pessoas estão procurando fotos do seu gato de estimação

95. Seu gato de estimação está no LinkedIn

96. Hehehe

97. Sugestões

98. ALERTA

99. ALERTA VERMELHO

100. Visita especial

101. Visita da lua

102. Dicas de jardinagem

103. Ofertas especiais de dia das crianças

104. Ofertas especiais de dia das mães

105. Oferta especial para você

106. Oferta especial: PÊNIS

107. E-mail de Natal

108. O NATAL CHEGOU compre

109. PETIÇÃO: MENOS TARTARUGAS

110. Petição on-line: vítimas do furacão querem ver fotos do seu gato

111. Achei que você gostaria de saber

112. As notas já estão no sistema

113. PARE TUDO E LEIA ESTE CORREIO ELETRÔNICO

114. PARE TUDO E VEJA ESSA OFERTA ESPECIAL

115. PARE TUDO E VEJA FOTOS DO MEU GATO

116. PARE TUDO

117. PARE ALGUMAS COISAS

118. Amiga, pare

119. Canecas

120. Super promoção relâmpago eita já acabou

121. Ovos de codorna?

122. Telefonema por escrito

123. Hora do lanche

124. Não olhe para trás

125. Assine esta petição seu SAFADO

126. Reunião da turma do ensino médio

127. Reunião da turma da sociedade do anel
128. Reunião: _____ (SUBSTITUIR LINHA POR TEMA DA REUNIÃO)

129. [TOP-SECRET]

130. Dicas de moda

131. Dicas de culinária

132. Dicas de turismo

133. Dicas de pênis

134. Dicas de vinhos

135. Esta nova série da Netflix você vai gostar

136. Oi sumida...

137. Tchau sumida

138. E-mail aviso: hora da transformação

139. Netflix quer adicionar você à sua rede de contatos no LinkedIn

140. COBRANÇA

141. VAZOU NOVO ALBUM DO DAFT PUNK

142. Fotos de aviões

143. Agora falando sério: você me AMA de verdade?

144. Me dê uma segunda chance

145. Me dê uma terceira chance

146. Me dê uma quarta chance

147. Me dê uma quinta chance

148. Dê-me uma chance

149. Show da banda The Chup's

150. Novidades Netflix: Documentário sobre LinkedIn

151. Precisamos conversar

152. Precisamos conversar sério

153. Precisamos conversar sobre séries

154. [Projeto de naming] “Camisinha” para “meinha”

155. Amiga, não aguentei e vi a segunda temporada de Mindhunter

156. Festival de Tortas no Parque Histórico de Carambei

157. Detectamos um novo login na sua conta do LinkedIn

158. www.google.com

159. Baixe o novo iPhone 11 aqui

160. Convite para editar documento: ideias para aniversário de cachorro

161. As fotos da festa do cachorro ficaram ótimas

162. Lembrete de pagamento para festa do cachorro

163. ESTAMOS COM O SEU CACHORRO, PAGUE AGORA

164. Re: eu não tenho cachorro

165. Encontrei seu e-mail na porta do banheiro masculino no Bar do Deco

166. Teorias da Conspiração

167. Oi

168. Lembra daquilo que você falou errado na 5a série?

169. Quem deixou a carne de alce na geladeira do segundo andar?

170. Já te contei que eu morei em Miami?

171. Como anda o coraçãozinho?

172. Me encontre na praça central sexta-feira, às 17:45. Leve uma peruca

173. Residencial condomínio Águas de las Águas: boleto

174. Professor, não consegui ir na última aula, você poderia por favor me enviar os slides

175. E aí boneca???
176. Entrega de relatório

177. Relatório

178. Seu relatório está pronto

179. Seus dados

180. Segue o artigo para debate

181. CONVITE PARA DEBATE

182. HORA DO DEBATE

183. HORA DO DUELO

184. HORA DO CHOPP

185. HORA DE ABRIR SEU LINKEDIN

186. Hora de abrir.....

187. Hora de abril

188. Flores

189. Carregamento de papel

190. E-mail estranho

191. E-MAIL BOMBA

192. BOMBA: veja o que fizeram com suas fotos

193. BOMBA: veja o que fizeram com as MINHAS fotos

194. BOMBA: veja o que fizeram com as fotos do meu gato

195. Como que passa do segundo chefe do Dark Souls 2?

196. Compre dois produtos pagando menos do que se fosse um só

197. Entenda de uma vez por todas o “bitcoin”

198. Coisinhas aleatórias

199. Coisinhas fofas

200. Coisinhas legais

201. ESTOU SOFREND O UMA METAMORFOSE

202. Coisinhas interessantes

203. Coisinhas para lembrar

204. Pacote de medidas

205. Pacote pela economia

206. Lista de pacotes

207. Confira os gon's da rodada

208. Relógio barato?? Isso aí mesmo

209. Buffet somente 15,90

210. Alterações na sua conta

211. Alterações na sua dieta

212. Alterações nos nossos termos de uso

213. Alterações de humor

214. Comunicado interno: temos churros

215. COMUNICADO EXTERNO

216. Preço inbox

217. Sua conta está prestes a expirar

218. Sua mensalidade está prestes a vencer

219. EI SEU LOUCO

220. Liberte-se

221. PACOTE DE ROLAS

222. Encomenda??????????????

223. Texto para revisão

224. Texto para dar risada

225. Meu último texto

226. Senta que lá vai textão

227. Senta que lá vai

228. Senta

229. VAZOU O NOVO DO DAFT

230. Sua assinatura expirou uhauahuahua

231. Dicas de games

232. OLHA QUE ABSURDO ISSO

233. OLHA QUE LEGAL ISSO

234. OLHA ISSO



Fagulhas em deferência

Ewerton Martins Ribeiro

Peixe e pescador

a Leonardo Fróes

Lagoa da Pampulha, entardecer. O pescador lamenta comigo: hoje só deu um assim, e me mostra as mãos espalmadas. Aceno com a cabeça, em silêncio; ele vê que sei do que falamos.

Em silêncio, retorna à lagoa. Com um pedaço de pau, retira uma sacola de plástico que instantes atrás, na nossa frente, uma mulher jogara na água. Felizmente, era apenas lixo. Respondo à sua ação contraindo os cantos da boca, lembrando do filho que nunca tivemos. Ele concorda, dando de ombros, tentando se esquecer do filho que praticamente não conheceu.

Volto em seguida ao meu livro. O pescador volta à sua pedra. Na beira da água, todas as nossas seis varas seguem imóveis.

Somente é possível adentrar sozinho a literatura, mas para adentrá-la sozinho é preciso também receber ajuda.

Karl Ove Knausgård

Breve fábula

a Esopo

Era uma vez um animal que só se movia no espaço, nunca no tempo.

Tão cedo percebeu sua sina, tratou de locomover-se o mínimo possível, já que em todo lugar a que ia, permanecia para sempre, o que o levava a ocupar cada vez mais espaço no mundo.

A despeito de seus esforços, não demorou um instante para que o bicho fosse tudo.

A vigília

a Franz Kafka

“Ei, você”, eu disse, cutucando a face com receio, ao despertar de um sonho exaustivo, mais exaustivo que a vigília: “não durma” — e ao dizê-lo assim tão de repente escapou-me da boca um pouco de cuspe, como um mau agouro.

“Não estou dormindo”, respondeu, movendo ameaçadoramente os braços, como que a dar provas de um ponto. “Se eu dormisse, como poderia vigiá-lo? Como poderia manter sua vida sob o risco? Não estou dormindo.”

“É importante que não durma”, eu ainda insisti, enquanto meu corpo ia sendo tomado outra vez pelo torpor, a dor do sono comprimindo-me o rosto, descendo pela vertical das dúvidas, da cabeça ao sexo, como que reforçando uma cicatriz em meu peito.

“Ambos precisamos estar acordados quando tudo ocorrer”, foi tudo o que ainda pude dizer.

Conteúdo, continente

a Virgílio

Quando os gregos começaram a brotar daquela grande escultura, já desembaixando suas espadas, os troianos ainda seguiram inertes por um instante, estarecidos com o vulto monumental do cavalo. Para eles, era impossível que algo tão belo fosse qualquer coisa que não um presente.

Esse instante foi decisivo para que os homens ali escondidos conseguissem invadir e incendiar a cidade, o que nos conduz à moral da história: mesmo quando não se pode ver através da beleza, é sensato presumir que ela contém outra coisa além de si mesma — algo sombrio, posto que reverso, sempre na iminência de vir à luz.

O legado da nossa miséria

a Machado de Assis

Morri de virose, mas se lhes disser que a causa da minha morte foi menos a gripe que os vermes, talvez vocês não creiam, todavia é verdade. Antes desta cova eles já me carcomiam, e eu sem saber.

Como serão hoje, sobre a terra, o trabalho, a política, os encontros, a experiência do amor? Canta, ainda hoje, a poesia? E as testemunhas: ainda algo a contar? Quais os valores do homem? terá vencido, afinal, o humano ou o seu contrário? Sob a terra, nada posso dizer.

Ao verme que primeiro fez de mim um cadáver, devoto esta memória inconforme — para a alegria de seus comparsas vermes, operários da ruína.

Do saneamento básico

a Milan Kundera

Para a merda, não existe bala de prata: apesar de orgânica, a merda não é viva, portanto não pode morrer, mesmo que esteja a andar e agir entre nós.

A única solução para a merda é a descarga, que a envia para seu destino por vocação, o esgoto — de resto, ambiente de controle e recalque.

Nunca, porém, se deve esquecer: escorra para aonde for, a merda sempre estará lá. (Moral da história: quem tem cu, tem medo.)



Os sarb’mos

a si

Os sarb’mos nos perseguem. Não há onde possamos ir que já não saibam. Molestam-nos preventivamente, antecipam-nos os passos, submetem-nos como consequência do que somos causa. Não há fuga possível.

Não damos um passo sem que nos tenham previsto o movimento. Não há movimento que escape à sua simultânea antecipação. Desconheço divindade que não seja a criada por nós – mesmo assim, nos afetam. Denominam-se luz em um mundo de trevas, presumem-se – onde eu pude acessar – imanências, mas não compreendo.

Tudo isso acessei em um sonho. Demônios que dizem de si pelo que denominam linguagem; deuses íncubos que se supõem sempre em pé, quando é justo o contrário.

O seixo

a João Cabral de Melo Neto
e Carlos Drummond de Andrade

O seixo só alcança a sua forma polida e calma, sem arestas, depois de despencar descontrolado rio abaixo, às pancadas, solto e grave, por décadas a fio, abandonado de tudo à própria sorte, sem saber aonde nem em quem vai dar. A beleza do seixo depende da relação do tempo com o espaço.

Com um sem número de seixos nas mãos, ergue-se uma casa ou defende-se a casa construída. Mas o seixo, propriamente, só a natureza, em seu tempo próprio de queda, ele em si mesmo subtrativo, é capaz de estabelecer.

Há quem diga que não é a queda que forma o seixo, mas a água. Quem diz isso entende de água, não de seixos.

Do encontro, a impossibilidade

a Paul Valéry e Fernando Sabino

Um cavalo branco, vermelho e preto galopando cocho história adentro, a respiração sôfrega, pura impossibilidade de suportar o peso do homem que o monta, e ainda assim o insistir; o cavalo galopando, cocho, um passo de cada vez, cada passo após o outro, passos ritmados na impossibilidade de voltar, e a urgência de viver o instante seguinte, sempre o instante seguinte, todos os caminhos vertendo para o mesmo. Um lindo cavalo branco, vermelho e preto galopando sentido adentro, perseguindo ávido o significado de si, o significado conquanto nunca havido, até que a grande interrupção. A isso chamamos, da teoria, uma literatura.

Sinais

a Murilo Rubião

“Como iniciar o fogo, se é o incendiário quem precisa queimar?”, pergunta o artista, caminhando sobre brasas.

“Você não está caminhando”, responde a criança.

A primeira noite no apartamento novo

a Henry James

Embaixo da cama de casal recém-montada, os gêmeos conversam baixinho, trocando segredos, brincando animados com a vida nova no apartamento. Quem primeiro confessa é a menina, sentindo-se culpada: gosta mais da mamãe que do papai, mas não pode evitar. Para o consolo da irmã, o menino então mente que gosta mais do papai, equilibrando suas cargas de amor. Problema resolvido, os dois caem então no riso, aquele riso gostoso que só as crianças têm, na pureza de sua inocência, intocadas pelo mal.

Esse é o mesmo momento em que, em cima da cama, um casal sem filhos se olha em desespero, encolhendo-se sob a coberta, ainda sem poder acreditar que o começara como um simples rangido de madeira agora se revelava claramente como vozes.

Miudezas

a Graciliano Ramos

Nos poucos dias em que tinha mistura, o pai beliscava os miúdos ainda no fogão, antes de a mulher servir à mesa, e, quando era a hora da janta, ela e as crianças acabavam ficando sem. Mais que por todas as vezes em que tinha sido espancada, foi por esse detalhe da maldade do homem que a mulher decidiu colocar chumbinho na carne daquela noite.

O plano era simples: depois que o marido comesse, esperaria o desfecho natural e jogaria o resto fora – desperdício de um dia, todo um resto de vida em compensação. Preparou um ensopado de pés de galinha e saiu da cozinha, arejando o espaço para a morte atuar. Infelizmente, faltou combinar com as crianças e sua fome acumulada por anos.



Dois que caminham

a Samuel Beckett

— Porque não há atalhos para o futuro, tampouco pontes. Só tolos são capazes de crer na subversão do tempo.

— Não há atalhos para o futuro.

— Ao futuro só se chega caminhando, passo a passo, precariamente: com resistência, resiliência e ceticismo.

— É preciso manter-se em dúvida.

— Ponte é o que salta a depressão, ignorando-a. O tolo supõe que, saltando o abismo, ele deixa de existir.

— Os tolos são os que mais supõem.

— Mas estou pensando em parar. Descansar um pouco.

— Eu também. Minhas pernas doem.

— Talvez possamos parar.

— Sim, acho que nada nos impede.

— É preciso manter-se em dúvida.

— É preciso manter-se em dúvida.

— Porque não há atalhos para o futuro, tampouco pontes. Só os tolos são capazes de crer na subversão do tempo.

— Não há atalhos para o futuro.

— Ao futuro só se chega caminhando, passo a passo, com resiliência, resistência e algum ceticismo.

— É preciso manter-se em dúvida.

— É preciso manter-se em dúvida.

— (...) É preciso.

— Mas talvez possamos parar.

— Nada nos impede.

— Só os tolos são capazes de crer na subversão do tempo.

— Não há atalhos para o futuro.

Nunca mais

a Edgar Allan Poe

Era uma vez, eu estava deitado em minha cama, de bruços, já quase adormecendo, quando ouvi um “crruu” na janela. “Crruu, crruu”, eu ouvia, como se o som me alcançasse desde a minha própria cabeça, perdida em meio ao escuro, já quase sem pensamentos.

Olhei para cima: era um pombo, que arrulhava sem emoção. “Crruu, crruu”, a ave dizia, ao que respondi defendendo um ponto: “xô, xô”. De repente, contudo, o espanto explodiu em meu peito, e entrevi ser desforra o que antes supunha como mera afronta.

“Crruu, crruu”, o pombo insistia, impávido em sua falta de expressão, e quanto mais eu o enxotava, mais ele arrulhava. O pombo está lá até agora, seguimos escalando para ver quem tem mais voz, ambos na única certeza de que hoje alguém terá de voar.

A cadeira

a Simone de Beauvoir

Naquele lugar a cadeira dispõe-se. O homem vislumbra a cadeira e nela se senta, face para o mundo. Recosta-se da forma que mais lhe convém para o conforto corporal. Busca saliva nos cantos da boca seca. Olha para o mundo com os olhos cansados do fim. Começa a falar. Um infinito inteiro depois, o homem se cala. Pudera enfim dizer tudo. Pudera enfim dizer tudo.

O homem se levanta e se vira, dando as costas para o mundo. Caminha da forma que mais lhe convém para o conforto corporal. Busca fôlego na alma seca. Cansados os olhos, desvia o mundo, imundo. Dá-se ao andar, enfim. E dá-se ao andar, desfazendo-se como lama. Ao cabo, nem mesmo tudo pudera ser suficiente.

No mesmo lugar, a cadeira dispõe-se. A cadeira deslumbra a mulher.

Indizível

a Jacques Lacan

Na vaguidão de um agosto de ar francês, o professor olha pela janela e lembra de um de seus jovens estudantes; um dos tantos que nunca realmente conheceu. Alguns dias antes, ou seriam anos?, era maio, era junho, e o rapaz decidiu encorpar as multidões que tomavam as cidades — não sem antes deixar registrado num quadro-negro da universidade: “as estruturas não descem para a rua.” Depois daquilo, o professor nunca mais ouviu falar do rapaz.

O homem lembra do menino enquanto respira profundamente, sem ver solução para a sua ausência já madura de impasse, hesitando experimentar o chá que manipula quente entre as mãos — tudo isso enquanto pensa gratuitamente no imperscrutável das expressões faciais. Quando finalmente decide levar a louça aos lábios, resmunga para si (o único com quem falava em ordem direta) em tom monocórdio: “o ato desconhece a si mesmo”.

O professor diz isso enquanto queima a boca. O professor ri. O professor fica sério. O professor decide ir à China.

Sobre o raio que os parta

a Eugène Ionesco

O ator: “Quando o raio cai, na hora da luz ou na hora do estrondo?”

O coro: “Relâmpago, na luz; trovão, no estrondo.”

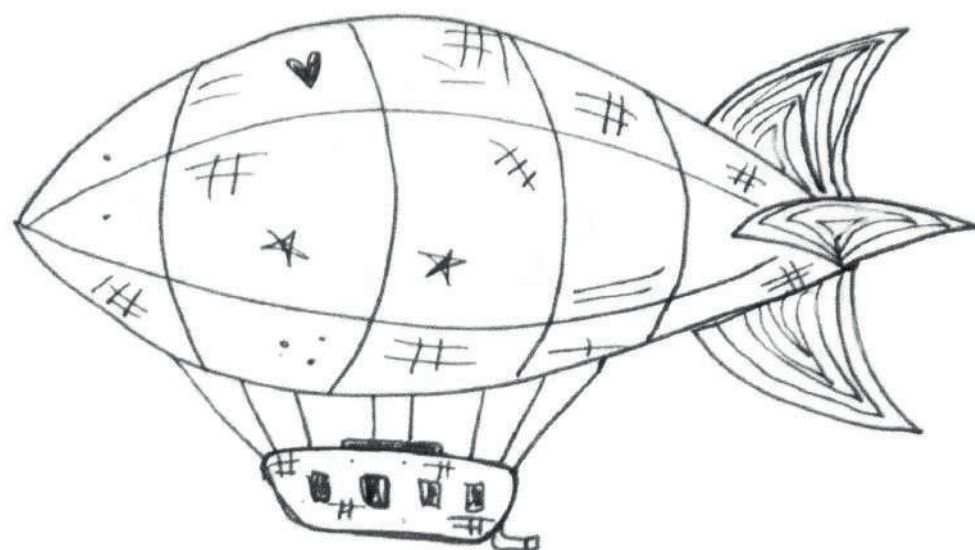
O ator (aparte): “Se eu perguntei sobre o raio...”

De redondo cu

E. M. de Melo e Castro

de redondo cu
eu cúbica te quero
como cólera química ou paz
comum
que nada tão navega
a tua nádegas núbica
de redondo nenúfar
nu furioso.

no volume do cu
velo o teu lume
ocioso cio de colher
nos colhões que te encosto
pelas costas
no cu que te descubro
pelo olho
no volume que rasgo
pela vela
do duro coração na cumoção
de ter-te pelas tetas
culocada na posição
decúbica
culada
da comunicação.



Thalita
Neres